



VI SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE ENSINO, EXTENSÃO E PESQUISA

UNIVERSIDADE, CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS:
SUJEITOS, PRÁTICAS E POLÍTICAS PÚBLICAS

04 A 06 DE JUNHO DE 2024
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
CAMPUS VI - CAETITÉ

O NARRADOR BENJAMINIANO NA OBRA “OS ANALFABETOS” DE JOÃO GUMES.

Milena Soares Chaves¹

Ms. Rogério Soares Brito²

Resumo: Este estudo tem como objetivo demonstrar como o estilo de narrador tradicional descrito por Benjamin (1994), em seu ensaio “O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Lescov” está presente na obra literária “Os analfabetos” de João Gumes (2014). O romance de Gumes relata a história do jovem Zezinho em sua vontade mais ardente de decifrar os rabiscos que vira em um pedaço de papel. O estudo parte da seguinte questão norteadora: como o autor do romance “Os analfabetos” se encaixa nas definições benjaminianas de narrador tradicional? As considerações de Benjamin (1994) evidenciam que o narrador tradicional possui habilidade de transmitir experiências reais entre o passado e a nova geração; o narrador pode recorrer de experiências de toda uma vida não só a suas, mas também de experiências alheias. Todo o trabalho está fundamentado nos seguintes autores: Bruno Carvalho (2018), João Gumes (2014), Marcelo Pereira (2006), Maurina Silva (2018) e Walter Benjamin (1994).

Palavras-chave: Analfabetos; Narrador benjaminiano; Experiências.

Abstract: This study aims to demonstrate how the traditional narrator style described by Benjamin (1994), in his essay “The narrator: Considerations on the work of Nikolai Lescov”, is present in the literary work “Os Analfabetos” by João Gumes (2014). Gumes' novel tells the story of young Zezinho in his most ardent desire to decipher the scribbles he saw on a piece of paper. The study is based on the following guiding question: how does the author of the novel “Os Analfabetos” fit into Benjamin's definitions of a traditional narrator? Benjamin's considerations (1994) show that the traditional narrator has the ability to transmit real experiences between the past and the new generation; the narrator can draw on experiences from a lifetime, not only his own, but also the experiences of others. All work is based on the following

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de artigo científico, apresentado ao Departamento de Ciências Humanas, campus VI, da Universidade do Estado da Bahia como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas. Graduanda do curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas. E-mail: chavesmilena4@gmail.com

² Professor Mestre Rogério Soares Brito da Universidade do Estado da Bahia. (UNEB)

authors: Bruno Carvalho (2018), João Gumes (2014), Marcelo Pereira (2006), Maurina Silva (2018) and Walter Benjamin (1994).

Keywords: Analphabetos. Benjaminian narrator. Experiences.

Introdução

Este trabalho toma como objetivo, demonstrar de que modo o estilo de narrador tradicional descrito por Benjamin (1994), em seu ensaio O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, está presente na obra literária *Os Analphabetos* do autor caetiteense João Gumes, 1858-1930. As considerações de Benjamin (1994) evidenciam que o narrador tradicional possui habilidade de transmitir experiências reais entre o passado e a nova geração, o narrador pode recorrer de experiências de toda uma vida não só a suas, mas também de experiências alheias.

Narrador Benjaminiano

Para entender o conceito de narrador tradicional, precisamos entender quem foi Walter Benjamin e compreender um pouco em que fontes ele bebeu para chegar à teoria de narrador tradicional. Benjamin possuía uma singularidade, pois se interessava pelos mais diversos temas, desde a vida, saúde mental/psicanálise, a sociedade, o capitalismo, a burguesia, até o tempo e o fazer história, um pensador influente, especialmente em relação à modernidade, tecnologia e cultura de massa. Ele impressiona pela sua multidisciplinaridade, dificultando defini-lo por uma só área de conhecimento.

Nossos estudos buscam aprofundar-se em apenas uma das várias áreas de atuação este ensaísta alemão. As análises estão voltadas para o seu ensaio que nos explica a ideia do narrador tradicional benjaminiano. Discussões acerca do narrador benjaminiano são muito antigas, segundo Francisco Machado (2005), as obras de Benjamin são divididas normalmente em duas grandes fases: a primeira entre os anos de 1916 até 1925, conhecida como a fase metafísica e judaico-teológica do autor. A segunda fase ficou conhecida como a política-marxista (1925–1940). Em ambas as fases Benjamin defendia veementemente seus conceitos, sua postura teológica mantém-se a mesma em toda sua obra, mesmo que seus ideais

políticos e filosóficos tenham sofrido alterações com o tempo. Marcelo Pereira (2006) afirma que Benjamin foi certamente um dos pensadores mais preocupados em incorporar a diversidade e o conhecimento por meio de sistemas filosóficos na arte de narrar. Vejamos algumas considerações iniciais sobre o que caracteriza o narrador tradicional: Em linhas gerais o conceito de narrador tradicional, conforme discutido por Walter Benjamin, é fundamentada no entendimento sobre a mudança nas formas de contar histórias ao longo do tempo. Benjamin (1994) argumenta que, com o advento da modernidade, as formas tradicionais de contar histórias estão em declínio.

O avanço da tecnologia, a ascensão da escrita e a fragmentação da experiência direta contribuem para a perda da autenticidade na narrativa. Novas formas de comunicação, como a imprensa e a literatura de massa, desempenham um papel crucial nesse declínio. Este narrador também transmite suas experiências vividas à comunidade através da tradição oral. A narrativa tradicional está enraizada na comunidade e na tradição oral. As histórias são contadas e recontadas, muitas vezes em contextos sociais específicos, fortalecendo os laços culturais entre as pessoas. A oralidade da tradição permite uma interação mais direta entre o narrador e seu público. Autenticidade e Singularidade: A autenticidade do narrador tradicional está relacionada à singularidade de sua experiência.

Cada narrador pode adicionar suas próprias nuances e interpretações às histórias, contribuindo para uma diversidade de narrativas dentro da tradição. Isso contrasta com formas mais modernas de narrativa, como a literatura de massas, que pode tender para uma padronização e perda da singularidade do narrador. Conexão entre Passado, Presente e Futuro: O narrador tradicional, ao transmitir histórias de geração em geração, cria uma ponte entre o passado, o presente e o futuro. As histórias não são apenas registros de eventos passados, mas também moldam a compreensão do presente e influenciam a visão de mundo das gerações futuras. Outro dado importante para caracterização sobre o narrador tradicional, segundo Benjamin (1994), é que este participa diretamente dos eventos que está narrando. Essa ligação com a experiência vivida confere autenticidade e profundidade à narrativa. A transmissão oral de histórias entre as gerações

permite que a sabedoria e o conhecimento acumulados ao longo do tempo sejam transmitidos de maneira mais direta.

Benjamin (1994) traz que é necessário conhecer sobre o que se pretende escrever, mas não apenas com pesquisas e dados, mas sim através da forma mais simples e antiga de se contar histórias, boca a boca, ele mostra necessário saber por meio daqueles que vivenciaram estas experiências, e quanto menos se diferenciam das histórias contadas melhor. Podemos classificar que Gumes (2013) se encaixa no segundo grupo proposto por Benjamin (1994), pois como um bom cidadão caetiteense ele procurou conhecer mais de sua história, tradição e cultura para assim, criar e narrar seus romances. Existem muitas características que Benjamin (1994) considera essenciais para um narrador tradicional que está presente na obra *Os Analfabetos*. Assim, como consideramos importante entender quem foi Walter Benjamin para compreender sua teoria, julgamos necessário conhecer um pouco sobre a vida e obra do romancista caetiteense João Gumes.

João Gumes - Vida e obra

João Antônio dos Santos Gumes, mais conhecido como João Gumes, nasceu em 10 de maio de 1858, em Caetité, filho de João Antônio dos Santos Gumes e D. Ana Luiza. Possuidor de uma inteligência incomum, Gumes teve muitas profissões e estudou várias áreas. Segundo Joseni Reis (2010), não existem muitos documentos históricos que falam ou nos mostrem o nível de escolaridade de Gumes, mas sabemos por meio de uma pequena bibliografia escrita por seu filho Sadi Gumes que João Gumes frequentou a escola de seu pai juntamente com seus irmãos. Conforme os estudos de Joseni Reis (2010) Gumes sempre teve uma certa atração para o mundo das letras. Em 1897, lançou o *Jornal A Penna* pioneiro do interior baiano, sendo ele jornalista, editor e redator de seus jornais. Gumes foi além e escreveu alguns romances *O Sampauleiro* (1917-1922); *Vida Campestre* (1926); *Seraphina* (188?); *Pelo Sertão* (1913-1914) e *Os Analfabetos* (1928) obra estudada neste artigo. Arriscou-se também como dramaturgo, musicista, advogado provisionado, arquiteto e pintor. Neste artigo focaremos no Gumes enquanto romancista. Em seu artigo, Maurina Silva (2018) examina a forma como Gumes construiu seu texto e os destinos dos personagens analfabetos,

destacando as dificuldades que enfrentaram em um país que buscava a civilização e o progresso durante a Primeira República. Também relaciona o romance com outros escritos sobre o analfabetismo no contexto da sociedade nacional, das relações de poder e das questões de identidade. A autora considera *Os Analfabetos* não apenas uma narrativa regional, mas um reflexo da época República velha, onde vários aspectos da sociedade brasileira foram discutidos na imprensa e na literatura. Maurina Silva (2018) ressalta que *Os Analfabetos* vai além de ser uma mera propaganda de alfabetização, a obra apresenta um ideal de cidadão para uma civilização que Gumes vislumbra, abordando a necessidade de políticas públicas e de desenvolvimento social no contexto do período pós-império. Gumes (2014) traz reflexões expressas na apresentação do livro, a respeito da falta de políticas públicas e desafios enfrentados pela população rural.

Considerações Finais: Em vista dos argumentos apresentados, resgatou-se o problema de pesquisa: como o autor do romance *Os analfabetos* se encaixa nas definições benjaminianas de narrador tradicional? Para encontrar uma resposta adequada para esse problema foi realizado uma busca por referenciais teóricos bibliográficos que trazem uma luz acerca do narrador benjaminiano/tradicional e as informações necessárias para compreender quem foi Gumes (2014) enquanto autor. Esse trabalho mostra a importância da experiência para formação do narrador benjaminiano. O narrador benjaminiano é um contador de histórias atemporal possui o poder incomparável de transmitir encontros autênticos que abrangem gerações, entrelaçando perfeitamente memórias não apenas confinadas à sua própria existência, mas também às de outras pessoas. As afirmações dos valores tradicionais que marcam uma comunidade, suas práticas de valores culturais reafirmam sua identidade. Gumes (2014) busca mostrar em seu romance *Os Analfabetos* com fatos verossímeis do cotidiano do lavrador do sudoeste baiano vive, ele traz experiências religiosas, culturais, agrárias entre tantas outras para mostrar o sertanejo tradicional da região. No prefácio do *Os Analfabetos* o autor mostra qual sua real intenção para com seu livro, nada mais do que mostrar o que e como realmente é o famoso “tabaréo Mazorral”, ele pretende quebrar o preconceito existente com o homem da região, que não existem apenas bandidos,

saqueadores, assassinos e que em nossa região existem homens de bem, lavradores simples, analfabetos, mas de boa índole que através do seu trabalho duro consegue sustentar sua família de forma digna. E como adquirimos tais experiências? Ouvindo-as daqueles senhores que estão ali sentados dispostos a lhe contar tudo, basta você querer ouvi-los. E o mais importante aprender e admirar um autor Caetiteense que possui essas características admiráveis do narrador tradicional benjaminiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. O Narrador – considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: _____. Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas I. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARVALHO, Souza Bruno. A memória do narrador: ressonâncias temporais entre Benjamin, Deleuze e Bergson. In: _____. Cadernos Walter Benjamin 20, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.17648/2175-1293-v202018-03> Acesso em: 24 out. 2023.

GUMES, João. Os Analfabetos. 1ª, 2014. ed. rev. Salvador: EDUNEB, 2014. 442 p. v. 1.

MACHADO, Francisco Pinheiro. Imagem e consciência da história: pensamento figurativo em Walter Benjamin. Tradução: Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2013, p. 14-17.

PEREIRA, Marcelo Andrade. **SABER DO TEMPO**: tradição, experiência e narração em Walter Benjamin Educação & Realidade, vol. 31, núm. 2, julho 2006, p. 61-78 Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=317227044005> Acesso em: 15 set. 2023.

SILVA, Maurina Lima. **Personagens analfabetos: de percursos sociais ao romance de João Gumes**. Guarulhos, 2018. 150 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unifesp.br> Acesso em: 20 nov. 2023.